

---

# INFÂNCIA E MEMÓRIA EM NARRATIVAS INFANTIS CONTEMPORÂNEAS

---

## CHILDHOOD AND MEMORY IN CONTEMPORARY CHILDREN'S NARRATIVES

Vera Regina Vargas Dupont<sup>59</sup>

**RESUMO:** A Literatura apresenta narrativas que se voltam à retomada do passado, possibilitando que o mesmo se perpetue, representando costumes e crenças de épocas já vividas, para compreender aquilo que permanece em nossa realidade, o que se transformou e o que foi deixado de lado e nos leva à reflexão. Partindo da concepção de Alfredo Bosi (1992) de que as narrativas são guardiãs da memória de um povo e possibilitam que novas gerações entrem em contato com os costumes vivenciados no passado, este trabalho objetiva analisar a autobiografia *Memórias de Menina*, de Rachel de Queiroz (2009), e a biografia *João, Joãozinho, Joãozinho*, de Cláudio Fragata (2016), sob o viés do resgate memorialístico da infância. Para a consecução desta análise, verificar-se-á o conceito de infância e sua trajetória histórica, bem como a importância de obras ficcionais que testemunham as representações que a arte faz da infância, num jogo do real e da ficção, revelando o que Antonio Candido (2000) observava sobre a relação texto-contexto. Com base em narrativas ficcionais voltadas para o público juvenil, verifica-se a infância rememorada como foco deste estudo. Deste modo, tomar-se-á como embasamento teórico autores como Maurice Halbwachs (1990) Philippe Ariès (1981) e Wolfgang Iser (1991).

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância; Memória; Literatura Juvenil.

**ABSTRACT:** The literature presents narratives that return to the past, allowing the same to perpetuate, representing customs and beliefs of times already lived, to understand what remains in our reality, what has been transformed and what has been left aside and leads us to reflection. From the conception of Alfredo Bosi (1992) that narratives are guardians of the memory of a people and enable new generations to come into contact with the customs experienced in the past, this objective work analyze the autobiography *Memories of Niña*, from Rachel de Queiroz, (2009), and the biography *João, Joãozinho, Juazito*, by Claudio Fragata (2016), under the bias of the memorialistic rescue of childhood. In order to achieve this analysis, the concept of childhood and its historical trajectory will be verified, as well as the importance of fictitious works that testify the representations that art makes of childhood, in a play of the real and the fiction, revealing what Antonio Candido (2000) observed about the text-context relationship. Based on fictional narratives directed to the juvenile public, the recalled childhood is verified as the focus of this study. In this way, authors such as Maurice Halbwachs (1990) Philippe Ariès (1981) and Wolfgang Iser (1991) will be taken as theoretical basis.

**KEYWORDS:** Childhood; memory; Youth Literature

---

<sup>59</sup> Doutoranda em Letras -Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestre em Letras - Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: veravargas@bol.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

Observa-se na Literatura, por meio de narrativas ficcionais, o rememorar do passado, o que possibilita a perpetuação do mesmo, apresentando costumes e crenças de épocas antigas, servindo como meio para que se possa refletir acerca do futuro.

Conforme Porto (2011):

Pela narrativa da infância, vamos reconstituindo as cenas e as imagens de um tempo no qual nos era possível imaginar a todo o momento, como se fosse um sonhar sempre acordado, os nossos projetos de futuro, e isso poderia ser feito com um pé nas nuvens e outro no chão, um pé no devaneio e outro na realidade. Essa impressão da largueza do tempo, desse tempo denso, vasto ou até mesmo infinito só a infância pode nos propiciar. É ela que nos deleita com a fuga para a eternidade, com viagens para o sem fim. Já a memória da infância pode nos arrebatar e fazer bater num gasto coração um novo tipo de pulsar, porque ela fala diretamente à criança que guardamos dentro de nós; e, se a nossa criança vive, a memória nos chega ainda insegura, mas logo seu sangue morno e seu tempo sempre fértil nos invadem e aceleram nossos batimentos e fazem brotar dentro do velho coração o novo. E isso pode ser vivido e lembrado através da literatura, num constante olhar “pela primeira vez tudo que foi visto antes” (PORTO, 2011, p. 200).

Conforme Porto (2011), observa-se que a infância permite um tempo denso e vasto, capaz de uma espécie de arrebatamento ao tempo do infinito; a literatura que narra essa etapa da vida, conforme o autor, permite que tenhamos acesso à criança que carregamos em nós: ela nos oportuniza viver de forma inaugural o que resgatamos pela memória.

As obras *Memórias de Menina*, de Rachel de Queiroz, e *João, Joãozinho, Joãozinho*, de Cláudio Fragata, trazem o rememorar da infância de dois grandes autores da literatura brasileira, mas sobretudo, apresentam um resgate da memória da infância – termo tão recente na história.

Maurice Halbwachs (1990), em seu livro *A Memória Coletiva*, afirma que nossas lembranças, ainda que individuais, permanecem coletivas:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Desta forma, a ficção serve de aporte para a realidade e, através de narrativas infanto-juvenis, pode-se compreender melhor o passado, sobretudo como era a infância em outras épocas, uma vez que a literatura representa a sociedade, sofrendo e causando influências, sem que seja possível isolar uma da outra.

## 2. A SOCIEDADE E A LITERATURA: FICÇÃO E REALIDADE

Os seres humanos precisam narrar. Não para se distrair, não como uma forma lúdica de relacionamento, mas para alimentar e estruturar o espírito, assim como a comida alimenta e estrutura o corpo. (COLASANTI, 2004).

Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (2000, p.17), chama atenção para os “[...] aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos” e submete à minuciosa análise a influência que o meio social exerce sobre a obra de arte e a que a obra tem sobre o meio. Afirma que há uma tendência da estética moderna em estudar “[...] como a obra de arte plasma o meio” (CANDIDO, 2000, p.18). Destaca, ainda, que há forte interferência dos fatores socioculturais sobre a produção, definindo quatro momentos importantes da atuação da obra de arte: “[...] É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação” (CANDIDO, 2000, p. 21). Isto se dá da seguinte maneira: “[...] a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, é orientado segundo padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (CANDIDO, 2000, p. 21).

Antonio Candido (2000, p.14) enfatiza que “[...] o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”. Vale dizer, assim, que o feito e a repercussão da obra estão em constante reajuste e interação; afinal, a arte está sempre aberta a novas leituras, provocando sensações e provocando novos conceitos. Conforme esse autor, desse modo, é possível verificar que “[...] O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador” (CANDIDO, 2000, p.38). Desta feita, autor-obra-público formam uma tríade inseparável na compreensão de uma obra de arte, especialmente da obra literária.

O que se constata, a partir dessas assertivas, é que não há como isolar a literatura da sociedade, pois, ambas exercem influência uma sobre a outra, seja através da retomada do contexto por meio do texto, seja através da criação ou intensificação de novas formas de agir e pensar a partir do discurso produzido pela literatura. Assim sendo, é importante analisar como o texto literário descortina a realidade.

De acordo com Iser (2002, p.957), a natureza dos textos literários é ficcional. No entanto, “[...] Como texto ficcional contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário”. A imaginação, através dos atos de fingir, constrói a relação entre o que é real e o que é ficção.

Silviano Santiago, ao tratar do texto ficcional, afirma que: “A verdade não está explícita numa narrativa ficcional, está sempre implícita, recoberta pela capa da mentira, da ficção. No entanto, é a mentira, ou a ficção, que narra poeticamente a verdade ao leitor” (SANTIAGO, 2008, p. 177). No mesmo sentido, Regina Zilberman (1985, p.22) salienta que, por meio da ficção, a literatura sintetiza uma realidade que tem pontos em comum com o que o leitor vive diariamente, mesmo que essa fantasia esteja distante do tempo e do espaço do leitor, já que “[...] o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor” (ZILBERMAN, p. 22, 1985).

Mesmo que o discurso literário esteja vinculado a uma determinada época e sociedade, e repasse valores ideológicos desta sociedade, ainda assim trata-se de um discurso que ultrapassa a mera transposição de valores e discursos que permeiam a sociedade, pois é um discurso marcado pela imaginação do escritor. O pacto de leitura que se estabelece entre autor e leitor prevê uma espécie de fingimento da verdade, bem como a aceitação desse fingimento, quando o leitor aceita o que é narrado como se tivesse acontecido de fato.

### **3. CONCEITOS DE INFÂNCIA NA HISTÓRIA E HISTÓRIAS DA INFÂNCIA**

Mas, aqui entre nós, com todos esses brinquedos espetaculares, será que, lá no fundo do coração, a garotada não sente falta das brincadeiras antigas? Brinquedo, para divertir, não precisa ser complicado. Criança gosta é de usar o ‘faz-de-conta’. E dizendo ‘FAZ DE CONTA’, pedaço de pau vira espada mágica, vassoura vira cavalo, cadeira vira avião...” (QUEIROZ, 2006).

Quando se observa a sociedade no decorrer do tempo, verifica-se que o conceito de infância, tal como é conhecido em nossos dias, está atrelado às mudanças sociais que impulsionaram o surgimento das organizações familiares.

James Casesy (1992), em seu livro *A História da Família*, afirma que a situação em que vivemos, posterior à modernidade, de uma sociedade policiada, com identificação de nossas vidas e propriedades através de documentos em registros, nem sempre nos permite lembramos que esta situação tem pouco tempo de existência, sendo uma realização da segunda metade do século XVII e do século XVIII.

Verifica-se que no século XII, pelo próprio isolamento do Sistema Feudal, as pessoas costumavam ter apenas um nome e, a partir do crescimento da população, foi necessário o sobrenome para identificar as pessoas. Isto fica claro na obra de Philippe Ariès (1981, p. 30), que afirma que: “Na Idade Média, o primeiro nome já fora considerado uma designação muito imprecisa, e foi necessário completá-lo por um sobrenome de família, muitas vezes um nome de lugar”.

Conforme Ariès (1981), foi no século XVI que o conceito de infância surgiu na camada burguesa da sociedade, enquanto conservou-se o antigo conceito nas classes sociais dependentes. No entanto, como os fenômenos biológicos eram ignorados nessa época, a infância tinha maior duração, considerada o período de dependência. Por isso as palavras relacionadas à infância também eram utilizadas para designar homens de baixa condição e total submissão, como os lacaios, os auxiliares e soldados. Ainda, observa que:

No final da Idade média, o sentido desta palavra era particularmente lato. Ela designava tanto o putto (no século XIV dizia-se la chambre aux enfants para indicar o quarto dos putti, o quarto ornado com afrescos representando criancinhas nuas), como o adolescente, o menino grande, que às vezes era também um menino mal-educado. (ARIÈS, 1981, p. 41).

Ao buscar as representações da infância na arte medieval, verificou que a infância era um tema quase desconhecido ou inexistente até o século XII: “[...] É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (ARIÈS, 1981, p. 50).

A criança não recebia o espaço de respeito e cuidado de hoje, que graças a estudos de autores como Vygotsky e Piaget, passaram a ter um papel de grande importância na sociedade atual, sendo que até o século XVII, é a criança vista como se fosse uma miniatura do homem, com roupas e expressões semelhantes às de homúnculos:

[...] No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. Essa recusa em aceitar na arte a morfologia infantil é encontrada, aliás, na maioria das civilizações arcaicas. (ARIÈS, 1981, p. 51).

De acordo com Philippe Ariès (1981), observa-se três tipos de crianças representadas na arte, por volta do século XIII: a figura do anjo com características de adolescente (como por exemplo, os anjos de Botticelli do *quattrocento* italiano); a do menino Jesus e a da virgem Maria menina, sendo no início representados como adultos em miniatura, evoluindo para uma representação mais real e próxima ao sentimento de infância que se tem hoje; e, também, um terceiro tipo, sendo a representação da fase gótica da criança nua, “[...] Seria a alegoria da morte e da alma que introduziria no mundo das formas a imagem da nudez infantil” (ARIÈS, 1981, p. 51). Como exemplo, na arte francesa da Idade Média, uma criança nua e geralmente assexuada era utilizada para representar a alma humana.

É notável a indiferença dos pais em relação aos bebês e, conforme Edward Shorter (1975), o ideal de “boa mãe” é uma invenção da modernidade. Esse autor contraria Philippe Ariès (1981) quando este afirma que por volta dos séculos XVI e XVII, começaram a demonstrar menos indiferença em relação aos bebês. Conforme Shorter, isto aconteceu entre os burgueses e nobres; no entanto, conforme ele, não acontecia nas classes populares. A indiferença dos pais em relação aos bebês continuava entre o que denomina gente vulgar, persistiu em muitas classes e regiões, até o último quartel do século XVIII.

O tratamento em relação aos bebês era brutalizado nas rotinas diárias:

Mais grave para o bem-estar do bebê era a prática quase universal de o deixar sozinho por longos períodos de tempo. Todos os médicos se queixam de que os pais deixam que as crianças fiquem a assar no meio das próprias fezes horas a fio, muito apertadas em cueiros; de que as crianças que ficam ao abandono defronte da lareira morrem quando as roupas se incendiam; e de que os bebês que ficavam sem vigilância eram atacados e comidos pelos porcos. (SHORTER, 1975, p.185).

Nota-se que havia, entre o século XIII e o século XVII, um nível elevado de mortalidade infantil e que, no entanto:

[...] uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (ARIÈS, 1981, p. 61).

Houve, conforme esse autor, uma significativa mudança nos hábitos de higiene e de vacinação oriundos da preocupação em relação à varíola, o que provocou uma redução na mortalidade infantil, em paralelo com a difusão do um controle de natalidade.

Conforme observa-se:

[...] Foi no século XVII que surgiram os retratos de crianças sozinhas. Foi também nesse século que os retratos de família, muito mais antigos, tenderam a se organizar em torno da criança, que tomou o centro da composição. [...] A descoberta da infância começou sem dúvida no século XVIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 1981, p. 65).

Não apenas as artes plásticas inauguraram o surgimento da infância em suas expressões. A descoberta da infância também está presente na literatura (ARIÈS, 1981), uma vez que obras como *A Divina Comédia*, do italiano Dante Alighieri, apresentam um vocabulário comum ao universo infantil, do diálogo das amas com as crianças. Também, em outras obras, onomatopeias atribuídas a crianças que ainda não falavam: “[...] Essas cenas de infância literária correspondem às cenas da pintura e da gravura de gênero da mesma época: são descobertas da primeira infância, do corpo, dos hábitos e da fala da criança pequena” (ARIÈS, 1981, p. 68).

Ainda, Philippe Ariès afirma que cada época deu ênfase a uma fase particular da vida humana, constatando que no século XVII o olhar foi para a juventude, no século XIX para a infância, e para a adolescência no século XX.

As obras eleitas para a realização da análise apresentam a memória da infância, em um rememorar do passado que nos auxilia a compreender quem somos e os passos que daremos em direção ao novo, que o futuro apresenta.

#### 4. AS NARRATIVAS INFANTO-JUVENIS ENQUANTO GUARDIÃS DA MEMÓRIA

As aventuras não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras; para mim são minha maior aventura (COUTINHO, 1983, p. 72).

A Literatura apresenta narrativas que se voltam à retomada desse passado, possibilitando que o mesmo se perpetue, apresentando costumes e crenças de épocas passadas, para compreender aquilo que permanece em nossa realidade, o que se transformou e aquilo que foi deixado de lado e nos leva à reflexão.

Para Ecléa Bosi (2004, p. 53), a “[...] lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”. A autora diz ainda que a “[...] criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização” (2004, p.73).

Conforme Maurice Halbwachs (1990), o indivíduo que lembra está situado num meio social, sendo a memória construída em grupo, já que “[...] o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio” (HALBWACHS, 1990, p. 36).

Este autor afirma ainda que:

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p. 37).

A obra de Cláudio Fragata (2016) apresenta a infância do escritor mineiro João Guimarães Rosa, trazendo uma espécie de biografia misturada com ficção, de forma poética e delicada. A narrativa, dividida em pequenos episódios, vai desvelando as singularidades da criança João em suas aventuras infantis, entrelaçando a vida do escritor à personagem Miguilim, menino criado por Guimarães Rosa na década de 1970.

A obra de Rachel de Queiroz (2009) é um resgate de memórias da autora, que apresenta as impressões da infância sentidas por ela, contando suas lembranças por meio de narrativas curtas. Com 10 textos memorialísticos e um poema, rememora o seu tempo de criança e as experiências vividas no agreste do sertão cearense.

As duas obras se aproximam por trazerem a infância de dois escritores de grande importância da literatura brasileira, sendo que os dois nasceram na primeira década do século XX e revelam a infância vivenciada nessa época.

A escritora cearense menciona como a sociedade foi sendo alterada no passar do tempo. Ao relatar sobre a escola na década de 1920, aponta para a severidade com que as crianças eram punidas em sala de aula, caso transgredissem as regras da época, mesmo que essa transgressão significasse não saber a tabuada de cor na hora da sabatina diária: “[...] Na hora da sabatina, os alunos de toda a classe, de pé, formavam uma roda, com a palmatória à vista, na mão da professora. A Somar e diminuir ainda era fácil, mas, quando chegava a tabuada de multiplicar, era um perigo” (QUEIROZ, 2009, p. 8). Menciona, também o fato de ser inaugurada uma nova escola chamada “Nova”, que fez desaparecer a palmatória.

Em suas narrativas, fica evidente que o modo de viver das famílias mudou, no decorrer do tempo. Na narrativa intitulada “Vida de hoje”, revela que as mães se profissionalizaram e os filhos precisam ter participação nas tarefas de casa: “[...] E, com isso, criança também tem que se virar, como o pai e a mãe. Fazer sua cama, enxugar o banheiro, arrumar um sanduíche, etc” (QUEIROZ, 2009, p.10). Isto aponta para a degradação do sistema patriarcal que imperou no Brasil por anos.

Um segundo texto que compõe a obra *Memórias de menina*, “A vovó”, há a referência da segunda infância à velhice. A avó passa a comportar-se como criança e a filha afirma que a mãe está passando por uma segunda infância.

Era uma vez uma vovó tão velhinha que já tinha se esquecido do seu tempo de dona de casa e mãe de família. Deixou pra lá a vida passada, só se lembrava dos tempos de criança, quando vestia as bonecas, brincava de roda cantando com as outras crianças, comia bombom escondida e fazia travessuras. (QUEIROZ, 2009, p. 18).

A idosa concorda com a filha, dizendo que cansou de ser velha e voltou a ser criança, uma vez que “Queria voltar a ser feliz” (QUEIROZ, 2009, p. 18). A infância, assim, revela um tempo de

alegria e, na velhice, há um afrouxamento dos compromissos e da rigidez da cobrança de certos comportamentos dos papéis sociais.

Há uma menção aos brinquedos da época: “Antigamente, havia poucos brinquedos. Menina brincava de boneca, menino brincava com carrinho” (QUEIROZ, 2009, p. 23). Ainda, compara as épocas e indaga que talvez as crianças sintam falta dos brinquedos antigos. Afirma, acerca dos brinquedos, que:

Mas, aqui entre nós, com todos esses brinquedos espetaculares, será que, lá no fundo do coração, a garotada não sente falta das brincadeiras antigas? Brinquedo, para divertir, não precisa ser complicado. Criança gosta é de usar o ‘faz-de-conta’. E dizendo ‘FAZ DE CONTA’, pedaço de pau vira espada mágica, vassoura vira cavalo, cadeira vira avião...” Sim, parece que não tem mesmo dúvida. O melhor brinquedo de todos é a nossa imaginação... (QUEIROZ, 2009, p. 23, grifos no original).

A narrativa de Rachel de Queiroz revela, também, como era difícil a vida das mocinhas pobres do interior, afirmando que “De pequenina, sete a oito anos, já recebe um irmão menor para criar. E o costume é que ela crie o menino como se fosse mãe dele, com toda responsabilidade” (QUEIROZ, 2009, p. 11). Ainda, afirma que elas tinham a obrigação de levar água para casa e, quando o irmão crescia, assumiam a responsabilidade de cuidar das roupas dele, além de ajudar a mãe na cozinha. Nota-se, desta forma, a carga de trabalho destinada à mulher, que em famílias pobres também iam para a roça. “E o sinal de que uma família tem moça muito mimosa e bem tratada é dizer que ela não sabe o que é uma enxada. Mas apanhar feijão e algodão todas apanham, mesmo as de luxo” (QUEIROZ, 2009, p. 12).

Rachel de Queiroz faz referência ao catolicismo, ao resgatar as memórias do Natal: “Era costume de antigamente, à meia-noite, assistir à Missa do Galo, que se chama assim porque os galos costumam começar a cantar à meia-noite” (QUEIROZ, 2009, p. 25).

É possível observar na obra de Claudio Fragata que a família de João também seguia o catolicismo, conforme a seguinte passagem: “Brincar de missa era outra das diversões do garoto. Enrolava-se em rendas e panos bordados tirados do baú de casamento de Dona Chiquinha e, pronto, já virava o Padre Joãosito. Um caixote forrado por um lençol de linho fazia as vezes de altar” (FRAGATA, 2016, p. 22). Ainda, observa-se que a bisavó, que empresta ao neto seu velho e grosso livro para as brincadeiras de missas, aclara sua intenção e esperança de que o menino virasse padre: “[...] Um vigário na família seria uma bênção dos céus, pensava ela fazendo o sinal da cruz.”

Brincar de missas era apenas uma das brincadeiras que João gostava de fazer: “Quase nunca se juntava aos moleques para as correrias e jogo de bola. Preferia inventar que os sabugos de milho eram boizinhos [ainda] Podia passar horas e horas observando as formigas em sua pretejada agitação no longo caminho até o formigueiro”. (FRAGATA, 2016, p. 12). Outras brincadeiras surgiram, como brincar com os vaga-lumes; porém, quando descobriu os livros “[...] passou a brincar com palavras”, inclusive com as de outras línguas.

As memórias, portanto, se apoiam na história vivida, conforme Halbwachs (1990):

Assim, mesmo quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria tal como nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do círculo estreito de nossa família e de nossos amigos; e uma outra memória que chamaríamos histórica, onde não estariam compreendidos senão os acontecimentos nacionais que não pudemos conhecer então; tão bem que por uma penetraríamos num meio no qual nossa vida já se desenrolava, sem disso nos apercebermos, enquanto que a outra nos colocaria em contato com nós mesmos ou com um eu alargado realmente até os limites do grupo que comporta o mundo da criança. Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória [...]. (HALBWACHS, 1990, p. 59).

A escola também está representada nas aventuras de Joãozinho: foi aprender as primeiras letras na escola de Mestre Candinho. Mais tarde, deixa a pequena cidade de Cordisburgo e vai morar com os avós em Belo Horizonte, “[...] onde havia boas escolas e até... bibliotecas!” (FRAGATA, 2016, p. 29).

Verifica-se que a infância de Joãozinho é comparada à do menino Miguilim, personagem fictício inventado em 1970, quando o menino que gostava de brincar com as letras cresce. A obra de Fragata recupera a personagem de Guimarães Rosa, afirmando que o mesmo revela muito de sua infância no menino de Mutum: “[...] Hoje se sabe que nasceram no mesmo dia e na mesma hora, como se tivessem combinado. Mas demorou muitos anos para que os dois se conhecessem” (FRAGATA, 2016, p. 32).

A semelhança entre Joãozinho e Miguilim é grande: “[...] A grande diferença entre eles é que Miguilim não é um menino assim de carne e osso. Foi inventado pelo Joãozinho gente grande. Melhor explicando: Joãozinho cresceu, virou escritor e inventou o menino Miguilim para ser o herói em uma de suas histórias”. (FRAGATA, 2016, p. 40).

É importante observar-se que “A escrita memorialista é uma escrita que passeia entre os fatos e os devaneios, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos pretéritos e o desejo do tempo futuro.” (PORTO, 2011, p. 202).

A justificativa do adjetivo dado ao menino no título do texto, encantado, refere-se ao discurso de posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, três dias antes de sua morte: “Em seu discurso de posse, disse que as pessoas não morriam, ficavam encantadas” (FRAGATA, 2016, p. 42). Desta forma, o narrador conclui que ele ficou encantado: “[...] Ele se encantou para sempre, mas Miguilim permanece vivo dentro do livro escrito por João e no coração de todo mundo que leu a história”.

## 5. CONCLUSÃO

As duas obras analisadas são permeadas por memórias. *Memórias de Menina*, de Rachel de Queiroz, aponta para um rememorar da época de sua infância, em que a própria autora apresenta experiências vividas quando menina, bem como impressões acerca do passar do tempo e das mudanças que pode acompanhar.

Uma obra de arte, quer seja uma música, uma escultura, uma pintura ou obra literária, é capaz de provocar inúmeras sensações e produzir efeitos diversos por parte do receptor. É possível perceber que a arte nunca é algo fechado, uma vez que apresenta inúmeras possibilidades, dependendo do contexto daquele que irá completá-la com suas percepções e sensações.

É importante destacar que a infância, como é conhecida hoje, é um conceito criado em torno do século XVII, sendo que antes as crianças eram tidas simplesmente como um homem em miniatura. É possível, deste modo, verificar a representação da iconografia da infância em obras de arte, quer nas artes plásticas como na literatura.

Em *João, Joãozinho, Joãozinho: o menino encantado*, Claudio Fragata apresenta a infância de João Guimarães Rosa, utilizando-se de relatos e da ficção para compor a história do menino João. Para isto, resgata uma série de acontecimentos comuns à infância na época representada, assim como aproxima o autor João da personagem dele, Miguilim, em uma mistura de vida real e ficção, sendo que a segunda serviu para que a primeira continuasse viva mesmo após a sua morte, em uma espécie de guardião de suas vivências da infância.

Por meio das duas narrativas foi possível verificar memórias relacionadas a brinquedos utilizados na época, como era a escola, a crença religiosa que prevalecia, o conceito de infância demonstrado nas dificuldades e alegrias vivenciadas pelas personagens.

Tanto a obra de Rachel de Queiroz, quanto a que revela algumas vivências de Guimarães Rosa, fazem parte da literatura infanto-juvenil brasileira e trazem a marca das

narrativas da memória que, conforme Alfredo Bosi (1992), são guardiãs da memória de um povo e possibilitam que novas gerações entrem em contato com os costumes vivenciados no passado.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Ecléa. *A memória e sociedade: lembranças de velhos*. 12. ed. São Paulo: Schwarcz, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Crítica e Sociologia*. In: *Literatura e Sociedade*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CASEY, James. *A História da Família*. São Paulo, Ática: 1992.
- COLASANTI, Marina. O mapa da mina, ou pensando na formação de leitores. In: *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- COUTINHO, Eduardo. *Fortuna Crítica – volumen VI*. São Paulo, Civilização Brasileira: 1983.
- FRAGATA, Claudio. *João, Joãozinho, Joãozito: o menino encantado*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. SP, Vértice, 1990.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. (Org). *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Narrativas Memorialísticas: Memória e Literatura. *Revista Contemporânea de Educação* N ° 12 – agosto/dezembro de 2011, p. 200.
- QUEIROZ, Rachel de. *Memórias de Menina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- ROSA, João Guimarães. *Campo Geral. Manuelzão e Miguelim*. 11ª ed. Nova Fronteira, 2001.
- SANTIAGO. Silvano. *Meditações sobre o ofício de criar*. *Aletria*, 2008 - jul.-dez. - v. 18.
- SHORTER, Edward. *A Formação da Família Moderna*. Lisboa: Terramar, 1975.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1985.

Recebido em 06/08/2018.

Aceito em 10/12/2018.